

3

Corri legua e corri quadra,
pensando que ia solito.
Quando eu olho pra traz,
Ai, se vinha a cadela aos gritos.

6

Eu sai a trotezinho
no rumo do véio Estacio,
me saltou quatro gaúcho
de facão e bola e laço.

9

Vinha outro dos gaúcho
Em um bagual tordilhinho.
Este mo pegou um laço
desde a cola até o focinho.

12

Antes de eu morrer
tive um bonito regalo:
distancia de quatro leguas
Eu ouvi cantar o gálo.

4

Me atirei no Quaraím,
naquele nado sem fim.
Tornei a olhar para traz
E a cadela atraz de mim.

7

Vinha um desses gaúcho
Em um bagual colorado.
Mas ô bagual que corre
e que me traz atropelado!

10

Vinha outro dos gaúcho
que nem parecia gente
pois levou a mão no revólve,
levantou terra na frente.

5

No descer um costabaixo
e no subir um chapadão,
já me afrouxaram as pernas,
já me esmoreceu o garrão.

8

Vinha outro dos gaúcho
Em um bagual picaço.
Torceu o bagual pra um lado
e me mandou a argola do laço.

11

Chegou o fim da minha vida,
e é triste de se ver.
Nos dentes desta cadela
conheço que vou morrer.

13

Na cochilha dos ventanas
morreu um forte guerreiro,
comandante de policia,
Chico Sôro de Oliveira.

Sôro - zorro, raposa, ladrão de galinheiro.

Tambem no Rio Grande do Sul é costume o canto em comum sempre baseado num falso-bordão de terças e sextas.

Toada do Lauro Louro

SERRA (R. Grande do Sul).

Ve . lho Pau . li . no tem um fi . lho qua . si ho . me, quan . do tem raí . va não
co . me, Pega a fa . ca e vai bri . gar; Por is . so mesmo que me chamo Lauro Lou . ro, Meto a fa . ca, ti . ro o
couro e fa . ço bo . tas pra cal . çar.

Velho Paulino
Tem um filho quasi home,
Quando tem raiva não come,
Pega a faca e vai brigar;
Por isso mesmo
Que me chamo Lauro Louro,
Meto a faca, tiro o couro,
E faço botas pra calçar.